

TOTALIDADES INICIAIS: APRENDER A LER (O MUNDO), ESCREVER (SUA HISTÓRIA) E SER FELIZ

MAIDANA, Adriana¹

Resumo

Este trabalho tem como intuito compartilhar as experiências iniciais vivenciadas por uma professora recém-chegada na Educação de Jovens e Adultos (EJA) que, lecionando para as Totalidades Iniciais em uma escola da Rede Municipal de Porto Alegre, cujo perfil da comunidade é marcado pela violência, tráfico de drogas e pobreza, busca – além de alfabetizar os educandos para a escrita e leitura da palavra – formas de problematizar as vivências dos educandos, encorajando-os também a aprender a ler o mundo, escrever a sua história nele e buscar a almejada felicidade.

Palavras-chave: EJA, Totalidades Iniciais, Felicidade.

Recém-chegada na EJA: primeiros desafios nas Totalidades Iniciais

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis da Educação Básica no país. Essa modalidade é destinada a jovens e adultos que não deram continuidade em seus estudos e para aqueles que não tiveram o acesso ao Ensino Fundamental ou Médio na idade apropriada. Trabalhar com a EJA foi uma oportunidade muito almejada por mim, pedagoga recém-formada que até então só tinha experiência com crianças nos Anos Iniciais da Rede Estadual e Municipal de Educação de Porto Alegre. Mesmo diplomada por uma universidade federal bastante conceituada, o currículo do curso de licenciatura pouco imergiu nas questões acerca desta modalidade de ensino, deixando lacunas expressivas em relação às características, ao trabalho pedagógico diferenciado e aos entraves comuns ao cotidiano da EJA.

Embora tenhamos conhecimento que a Educação de Jovens e Adultos passou por significativas mudanças e adquiriu importantes conquistas em termos de legislação nas últimas duas décadas, ainda é uma modalidade vista em segundo plano, tanto pelas governanças quanto pela sociedade. Essa invisibilidade agrava o trabalho na EJA tornando-o um desafio, pois se acumulam uma série de fatores de ordem social, pedagógica e política. Levar em consideração as especificidades do público que compõe a Educação de Jovens e Adultos é o primeiro passo para o sucesso do trabalho com essa modalidade. No caso das

¹ Pedagoga licenciada pela UFRGS e professora das Totalidades Iniciais na Rede Municipal de Porto Alegre (SMED/POA-RS). adrianafmaidana@gmail.com

Totalidades Iniciais, ainda há o estigma do analfabetismo, já que a maioria dos sujeitos são alfabetizando e recorrem à EJA como a última chance de recuperarem o tempo e os saberes escolares perdidos em função das diferentes histórias de vida. Para Freire (1987), é preciso que os educadores que alfabetizam jovens, adultos e muitas vezes idosos tenham uma visão de alfabetização que vá além do ba,be,bi,bo,bu, pois alfabetizar implica uma compreensão crítica da realidade social, política e econômica na qual está o alfabetizando. Em outras palavras, estar alfabetizado deve ir além de simplesmente saber ler e escrever (utilizar códigos escritos); é congrega a habilidade de ler e escrever o mundo em que se vive, interagir com ele, transformá-lo e assim transformar positivamente também as suas vivências enquanto sujeito.

Para situar o leitor, faço uma breve descrição acerca do grupo de educandos ao qual está vinculado este relato de experiência a seguir. O mesmo é composto pelas Totalidades 1, 2 e 3 atendidas conjuntamente, mesclando jovens, adultos e idosos, cada sujeito com diferentes níveis de conhecimentos escolares, saberes e vivências – características comum ao público da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O grupo tem um perfil pouco participativo, em geral não são dados a dividir ideias nem articular discussões, preferem não compartilhar suas opiniões perante os colegas. Posteriormente descobri que para a maioria há certo receio de se expor, de falar alguma “bobagem” ou errar, mas felizmente a participação no coletivo é um entrave que estamos vencendo aos poucos no grupo. Tendo uma concepção de educação como sendo uma prática dialógica e libertária, idealizada por Paulo Freire – um defensor da educação humanizadora – busquei para este trabalho com as Totalidades Iniciais a ideia do diálogo como um instrumento primordial, visto que este possibilita conhecer as distintas formas de saber (experiências) que os alunos trazem consigo e, ao valorizar esta bagagem incorporada, é possível ampliar significativamente os conhecimentos e aprendizagens (FREIRE, 1987). A experiência da interação com o outro, através do diálogo, oportuniza a problematização das relações consciência-mundo. O diálogo mediatiza sujeitos com diferentes leituras de mundo, viabilizando um encontro em que “não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos. Há homens que, em comunhão, buscam saber mais.” (FREIRE, 1987, p. 81).

A educação, segundo a ótica freireana, visa a libertação e a transformação radical da realidade, buscando torná-la mais humana. Em seu ideal de educação, Freire (1996) enfatiza o processo de construção da identidade do aluno como sujeito crítico, consciente de seu papel social e voltado para o bem-estar comum.

Felicidade se escreve com C

“*Felicidade se escreve com C, e não com S.*” Um dos educandos da Totalidade 3 problematizava a escrita da palavra felicidade para os demais colegas, que realizavam um ditado cuja temática era “sentimentos”. Quando questionei sobre a sua certeza em fazer tal afirmação, o jovem respondeu que lembrava de que eu havia lhe ensinado poucos dias atrás que o S no meio de vogais tinha som de Z. Imediatamente, remeti-me a uma cena do filme “À procura da felicidade”, em que a personagem principal faz a mesma observação de que felicidade é grafada com C e não com S, como está escrito na parede da creche do filho. Neste momento, uma aluna – já senhora – comentou em tom brando e divagoso, com seu característico sotaque nordestino: “*Felicidade é uma palavra bonita por demais, né não professora?*”. Concordei e respondi que não só era uma palavra bonita como também era um sentimento muito caro, muito precioso. Esta fala despertou curiosidade no grupo, que entendendo o sentido de caro como sendo algo relacionado ao dinheiro, ao bem material. Continuei a provocação para que o grupo se desse por conta de que não era essa a ideia de caro a qual me referia e fui perguntando quanto custava a felicidade, onde era vendida e quem a comprava. Tive a impressão que somente a última pergunta fez sentido, e ela foi respondida de imediato por um jovem, que enfatizou como se fosse óbvia a resposta: “*Quem compra é quem tem dinheiro, quem é rico, ué*”. O silêncio se fez por um momento. Alguns continuavam a corrigir o ditado do quadro, outros me olhavam, esperando o desenrolar do assunto, ainda sem entender onde eu queria chegar. Então perguntei ao jovem educando se a pessoa humilde, pobre, não era feliz, já que só o rico comprava a felicidade. Neste instante, recebi a atenção de todos; alguns me olharam com um ar de surpresa em relação à pergunta, mas para dona Maria veio o famoso *insight* da questão: “*Felicidade não se compra, não! A gente é feliz pelo que a gente faz...*”. Era novamente a senhora nordestina, com toda a sua sabedoria, chegando ao “x da questão”, como me referi ao grupo posteriormente.

Felicidade era uma boa palavra geradora. Comentei com o grupo que poderíamos desenvolver um trabalho interessante a partir dela, pois havia percebido que a conversa tinha desacomodado o grupo e despertado a participação de todos. Gostaram da ideia. Percebi sentimentos de curiosidade, empolgação e receio pelas intervenções que estavam por vir. No fundo creio que todos nós sabíamos que ao mesmo tempo em que poderia vir a ser um assunto complexo e incisivo, a felicidade também carregava certa beleza, aquela que dona Maria mencionara anteriormente.

Em virtude da minha inexperiência com a EJA, busquei elementos que me permitissem um olhar mais criterioso e mais humano ao planejamento, e para tal imersão

utilizei-me da estratégia sugerida por Madalena Freire (1996), os cinco elementos inerentes ao ato de observação – *silenciar, escutar, ver, escrever e participar*, que foram de grande ajuda na hora de planejar e colocar em prática as atividades e discussões propostas para o grupo, visando melhor aproveitamento destes momentos para reflexões críticas acerca de questões essenciais sobre a palavra geradora felicidade.

Na aula seguinte às discussões iniciais sobre felicidade, levei o grupo para assistir ao filme “À procura da felicidade” na sala de vídeo. Para deixar o grupo mais a vontade, já que não são dados às atividades fora da sala de aula, preparei uma recepção com pipocas, bolachas doces e refrigerantes. O filme é baseado em fatos reais, o que em minha opinião lhe dava certa credibilidade para realizar o trabalho pretendido após assisti-lo. No longa-metragem, Chris Gardner (Will Smith) é um pai de família que enfrenta sérias dificuldades financeiras e, como vendedor autônomo e sem muitas expectativas, busca conseguir um emprego melhor, cujo salário possa proporcionar-lhe uma qualidade de vida mínima para seu sustento e do filho. Na primeira cena do filme, os educandos identificaram a situação semelhante ocorrida na sala de aula, em que a personagem critica a ortografia da palavra felicidade. Observei vários comentários cochichados durante a exibição, principalmente naquelas cenas mais tocantes, mais emotivas. Optei por deixar as intervenções para o final. Quando acabou, na sala de vídeo mesmo fizemos um círculo para retomar as ideias do filme, a partir de um roteiro prévio que elaborei contendo a sinopse e algumas questões para reflexão. Em função da longa duração, o tempo era curto, mas consegui ouvir de alguns alunos o que tinham achado do filme, o que tinham entendido e retomei algumas informações. O trabalho com o roteiro ficou para a próxima aula.

No encontro do dia subsequente, distribuí os roteiros e orientei que sentássemos em um grande grupo para explorar as questões propostas. Solicitei aos alunos da Totalidade 3 que se revezassem com as leituras, iniciando pela sinopse afim de relembrar o filme e situar os colegas que não o tinham assistido na noite anterior. Cada aluno foi lendo uma pergunta do roteiro e na medida em que se fazia necessário, fui explicando alguns termos mais complexos e exemplificando-os para que o grupo pudesse formular suas hipóteses sobre cada item. Algumas questões ficaram restritas ao filme, outras se misturaram entre a ficção e a realidade dos alunos, como por exemplo, a proposta de descrever um trecho do filme onde o aluno identificasse aspectos relacionados aos conflitos vivenciados pelo personagem principal e como resolvê-los, além de relatos de vivências de conflitos ou experiências semelhantes. Este roda de conversa orientada sobre o filme ocupou quase metade da aula e teve participação

massiva dos educandos. Culminando em uma partilha muito interessante sobre as distintas visões de mundo, as diferentes vivências e os muitos sonhos e projetos em comum.

A atividade seguinte também foi grupal: propus aos educandos a escrita de um texto coletivo acerca da palavra geradora felicidade. Após a escolha do título, retomei a estrutura básica de uma produção textual, conforme já havíamos trabalhado anteriormente (ideia de início, meio e fim; parágrafos, pontuação básica e letra maiúscula) e sugeri que cada um fosse pensando em algo que tivesse a ver com felicidade para compormos a escrita. Para que as ideias fluíssem, fui dando pequenas pistas sobre o caminho a tomar com perguntas como: o que é felicidade? O que te faz feliz? É possível ser feliz o tempo todo? Existe uma receita de felicidade? Entre outras provocações. Conforme o texto ia tomando forma, pedi que alguns educandos fossem lendo em voz as frases já escrita para desencadear novas ideias. Foi a primeira vez que escrevemos um texto coletivo e considerei uma experiência muito satisfatória, pois cada um deu sua colaboração e não houve receio de se expor perante o grupo, o que até então era uma característica expressiva da turma. Após o texto concluído, três jovens se dispuseram a ler um parágrafo cada. O texto foi copiado individualmente nos cadernos e também em um papel pardo para expormos na sala. Encaminhei atividades de linguagem conforme o nível de lectoescrita de cada um.

Para a aula seguinte, trouxe duas reportagens com pesquisas cujos resultados forma apresentados em forma de infográficos sobre como o brasileiro vê a felicidade ²e se o brasileiro é feliz³. Li o texto de ambas, mostrei as imagens e discutimos um pouco os resultados. Alguns educandos ficaram surpresos com determinadas informações, como por exemplo, a de que (segundo a pesquisa) setenta por cento dos brasileiros se considera muito feliz. Um alfabetizando chegou a questionar porque tantas pessoas reclamam então se são felizes. Todos concordaram. Fiz uma intervenção: sugeri uma rápida pesquisa no grupo pedindo que levantasse a mão quem se considerasse muito feliz. Dos onze alunos presentes, nove levantaram. Comparei essa situação com a da pesquisa, e lancei uma provocação: será que estar feliz é o mesmo que estar satisfeito? Pois as pessoas que reclamam geralmente o fazem em função de alguma insatisfação. A pergunta exaltou os ânimos para uma discussão acalorada em torno das reclamações alheias.

Os educandos trouxeram muitas falas referentes a esta situação e as opiniões foram bem heterogêneas. A consideração mais gerou empatia foi voltada ao senso comum: “A gente reclama porque já é acostumado, se não reclamar perde a graça.”.

² <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI236742-15228,00-O+MITO+DA+FELICIDADE.html>

³ <http://site.expertise.net.br/o-brasileiro-%C3%A9-feliz/>

Após chegarem a um consenso de que estar feliz não é estar necessariamente satisfeito, pois mesmo algo bom pode melhorar, iniciamos a confecção de um mural com o título “Felicidade é...” onde cada educando tinha que completar a frase escrevendo o que era felicidade para si. Além das frases, colamos no mural as pesquisas e algumas imagens.

Iniciamos a aula posterior a partir da questão: existe uma receita pronta de felicidade? Alguns responderam que sim, outros discordaram. Lembramos o que é uma receita, sua estrutura e para que ela serve. Os educandos continuaram com as opiniões divididas. Uma jovem sugeriu que sim, poderia haver uma receita de felicidade, pois uma boa receita, principalmente se fosse doce, deixava as pessoas felizes. Essa e outras associações que os alunos foram explorando me deixaram muito satisfeita, pois antes esse retorno não chegavam até mim. Não sei se os educandos não conseguiam estabelecer tais relações ou se não as verbalizavam. Percebi que desde que iniciamos este trabalho a partir da palavra felicidade, talvez por ser um assunto mais leve, mais subjetivo, o grupo estava se expondo mais, compartilhando suas percepções com o grupo. Entreguei então um pequeno pedaço de papel cujo título era “Receita da Felicidade” e sugeri que alguém lesse. Como ninguém se habilitou, li para o grupo os ingredientes e o modo de preparo. Embora as medidas fossem as mesmas utilizadas usualmente em uma receita (xícaras, colheres, pitadas,...), os ingredientes surpreenderam: bondade, perdão, alegria, sinceridade e esperança. Por fim, uma instrução muito importante: sirva a vontade. Expliquei a ideia de sentido conotativo ou figurado que a receita trazia. Após algumas considerações, propus que cada um criasse a sua receita de felicidade. Auxiliei os que ainda estão alfabetizando e, ao final da atividade, compartilhamos no grande grupo a receita de cada um. Grande parte dos educandos embasou sua receita em sentimentos, poucos pensaram em bem materiais, diferentemente das primeiras discussões no dia do ditado. Apontamos as diferenças entre cada “receita de felicidade” criada pelo grupo, problematizando porque não existe uma receita única.

Ao contrário do trabalho com a tirinha que não agradou a maioria, sabia que música despertaria o interesse do grupo e agradaria. Selecionei a música “Felicidade” de autoria de Lupicínio Rodrigues, que também é autor do hino do Grêmio Foot Ball Porto Alegre. Além da letra, levei a canção para ouvirmos na versão da dupla Kleiton e Kledir, para soar mais familiar aos educandos. Ouvimos duas vezes e alguns conseguiram acompanhar a letra; o refrão, conhecido pela maioria dos educandos, foi cantado com entusiasmo. Passamos à interpretação oral da letra, explorando principalmente a intenção do autor e as rimas.

Como atividade de culminância, cada educando construiu um acróstico com a palavra “felicidade”. Foi uma atividade mais artística, mais livre. Para compor a produção

valia qualquer palavra que remetesse a pessoa à felicidade: sentimentos, objetos, pessoas, ... Embora tenha sido uma atividade individual, percebi uma coletividade na mesma: colegas se ajudando a encontrar palavras, mãe e filho trabalhando juntos, aonde o filho escrevia para a mãe, ainda alfabetizando, as palavras que ela ia ditando e perguntando “essa dá?”, uns corrigindo a ortografia dos outros, enfim, um ambiente de trabalho produtivo e, sobretudo dialógico.

O diálogo foi um instrumento primordial durante todo o processo, tanto em relação à educadora para com os alfabetizados quanto entre eles, favorecendo o fortalecimento de vínculos e evidenciando novas aprendizagens discentes e docentes. Para Zitkoski; Streck; Redin (2008) “[...] a partir do diálogo crítico e problematizador será possível aos oprimidos construir caminhos concretos para a realização do seu ser mais.” (p. 380). Esta afirmação pode ser constatada na visível evolução dos sujeitos enquanto grupo, principalmente.

Considerações Finais

Além das leituras freireanas que são deleites particulares, o trabalho realizado com as Totalidades Iniciais opta pelos Temas Geradores. De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a perspectiva epistemológica freireana, que é fonte dessa opção, se fundamenta na dialogicidade e na utopia voltada para uma pedagogia da libertação, que se realiza como práxis. Para este trabalho, o tema gerador se constituiu quando um educando expôs a ideia de que felicidade pode ser comprada e “*Quem compra é quem tem dinheiro [...]*”. Nesta fala, compartilhada inicialmente por outros colegas, estão implícitas muitas pistas sobre a visão de mundo daquele grupo e suas vivências. A partir daí o trabalho foi pensado de modo a priorizar o diálogo e a escuta sensível deste grupo, buscando identificar o que por vezes pode vir a ser um “pedido de socorro”, um sinal de que algo não vai bem, e então saber quais caminhos trilhar enquanto educadora para que o processo educativo deste sujeito seja libertário e propulsor para outra (nova) perspectiva de vida.

Não é mensurável o quão significativas foram as discussões e reflexões que brotaram da problematização sobre felicidade com C, mas posso falar com propriedade sobre as minhas aprendizagens enquanto educadora recém-chegada na EJA, afinal, “não há docência sem discência” (FREIRE, 1996, p. 23), para mim a frase mais verdadeira da Educação, principalmente no que se refere à importância de refletir o planejamento e as ações pedagógicas (e tudo o que se refere à docência), bem como explorar o olhar observador. Segundo Madalena Freire, “observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim, fazer

vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela, na cumplicidade da construção do projeto, na cumplicidade pedagógica.” (1996, p.3).

O trabalho em torno de descobrir o que é felicidade e a busca por ela não acaba aqui. Ele apenas iniciou... “Ensinar exige consciência do inacabado. [...] Onde há vida, há inacabamento.” (FREIRE, 1996, p.50). O verbete “feliz” e seus substantivos derivados (felicidade, infelizmente, infelicidade, ...) – que também são abstratos – acabam por materializar-se no nosso dia a dia nas mais diversas instâncias: um abraço, o aconchego do lar com a família reunida, a aquisição do carro novo ou uma grande fatia de bolo de chocolate. Sim, a felicidade é uma ilusão – como colocou uma aluna – pois ela é momentânea; mas a vida é feita de momentos.

A noite do ditado e a problematização de escrever felicidade com C e não com S acabou por desacomodar o grupo e render discussões e reflexões interessantes entre os educandos. Como educadora e entusiasta da felicidade, pensei que era um assunto significativo demais para deixar restrito apenas àquela aula. Era um assunto que possivelmente não mudaria O MUNDO, mas que certamente poderia vir a mudar UM MUNDO, UMA VIDA, UMA HISTÓRIA, pois tenho convicção de que,

[...] a EDUCAÇÃO não muda o MUNDO. Mas a EDUCAÇÃO ajuda a mudar as PESSOAS. E ela muda as PESSOAS, ensinando elas a saber ler melhor, a saber pensar melhor, a saber julgar melhor o que está acontecendo, a saber agir melhor, juntas, uma ao lado das outras.

E, assim, PESSOAS que sabem ler palavras, lendo o MUNDO, haveriam de saber mudar o mundo. Saberiam como fazer um MUNDO melhor para vida de PESSOAS mais felizes. Afinal, FELICIDADE é uma coisa tão boa que ninguém no mundo deveria viver sem ela! (BRANDÃO, 2005, p. 37).

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e de palavras**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FREIRE, Madalena. Educando o olhar da observação – Aprendizagem do olhar. In: **Observação, registro e reflexão. Instrumentos metodológicos I**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ZITKOSKI, Jaime José; STRECK, Danilo; REDIN, Euclides. (Org). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

A PROCURA da felicidade. Direção: Gabriele Muccino. Roteiro: Steven Conrad. EUA: Columbia Pictures, 2006. Gênero: Drama. Duração: 117 minutos. DVD.